

Moda Brasileira, Lugar de Contaminações

Brazilian Fashion, a Place of Contaminations

Rosane Preciosa
Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design, UFJF
rosane_preciosa@yahoo.com.br

Resumo

Se nossa formação histórico-cultural mestiça nos dota de uma capacidade de enfrentar o desafio das misturas, uma inscrição antropofágica, presente em nossa cultura, nos possibilita selecionar e assimilar criticamente repertórios que nos trazem potência, que nos expandem de forma polifônica. Essa comunicação pretende formular um pensamento sobre Moda Brasileira atravessado por essas questões.

Palavras-chave: Moda Brasileira, Mestiçagem, Polifonia

Abstract

If our historical and cultural tradition of mixing influences give us the ability to challenge mixtures, an antropophagic inscription, present in our culture, enable us to select and assimilate critically repertoires that can bring us power to expand ourselves in a polyphonic way. This present communication aims to formulate a thought about Brazilian Fashion raised by these questions.

Key-words: Brazilian Fashion, Crossbreeding, Polyphony

Antes de mais nada, devo lhes dizer que este texto é um desdobramento de ideias que me atravessam há um bom tempo. Diante da complexidade do tema, parece-me que abordá-lo requer uma aproximação feita aos poucos, tentativas de juntar pedacinhos e, quem sabe, chegar a algumas formulações, provavelmente inconclusivas. Talvez esse seja mesmo seu destino: anotar ideias, colocá-las em circulação, contando com interlocutores que possam expandi-las em múltiplas perspectivas.

Talvez soe estranho iniciar um texto sobre Moda Brasileira, fazendo referência à Literatura. Ricardo Piglia, um escritor argentino, em seu livro *Formas Breves*, menciona um ensaio intitulado “O Escritor Argentino e a Tradição”, de um outro escritor também argentino, Jorge Luis Borges, que nos diz algo curioso: “as literaturas secundárias e marginais, deslocadas das grandes correntes

européias têm a possibilidade de dar às grandes tradições um tratamento próprio, irreverente”. (Piglia, Ricardo, p.64, 2004) É esse ‘lugar incerto’, segundo Piglia, que pode nos presentear com rumos inesperados: furtos, traduções, que são traições, e embaralhamento de filiações.

Tudo isso, para mim, parece fazer bastante sentido, sobretudo se considerarmos que o Brasil é um país mestiço. Como nos dirá o antropólogo Darcy Ribeiro, somos constituídos de matrizes étnicas e culturais distintas, nossa formação provém de misturas. De alguma forma, aprendemos bem cedo a pôr em dúvida ideias relativas à pureza ou mesmo autenticidade. Aliás, faço minhas as palavras de outro antropólogo, o Hermano Vianna, pra quem “não há nenhum povo hoje que acredite na pureza, ainda que tenham sempre buscado o autêntico, o ser”. (O Povo Brasileiro, 2000¹)

O tom de nossa contemporaneidade é dado pela globalização de subjetividades, afetos, modos de existência. Navegamos em meio a dinâmicas culturais, cujos fluxos nos arremessam numa polifonia de vozes. Dificilmente hoje podemos pensar, sem fracassar, numa identidade fixa, seja de alguém ou de um povo.

Aturdidos, parece nos faltar um chão, e não cessamos ainda de nos perguntar: qual seria mesmo o traço inconfundível de nossa cultura? O que nos confere identidade? Ainda que pareça não haver pertinência alguma de nos fazermos essas perguntas, elas ainda grudam em nós.

Isso diz respeito, à América Latina como um todo, e, em particular, ao Brasil, na medida em que em sua composição mestiça inscreve-se numa infinita capacidade de adquirir outras configurações de si, é o que nos diz Gruzinski.

Se há, por um lado, algo encantador em aceitar essa polifonia, em que muitas vozes jamais se fundem, ao contrário, funcionam em tensão, num embate que as revigora, por outro, persiste uma vertente nostálgica que nos assombra, insistindo em “resgatar” uma origem definidora de nós mesmos. Como se, desprovidos de uma ontologia, fôssemos um nada. Essa é uma discussão

¹ Depoimento feito no documentário dirigido por Isa Grinspum Ferraz.

polêmica e relevante, que não cabe aqui desenvolver. Correndo o risco de resumir demais essa questão, parece-me que reclamar uma ontologia, esse lugar hoje bastante discutível de uma unidade coerente, em que nos reconheceríamos, é desconsiderar a possibilidade de pensar nossa cultura capaz de ativar outros valores éticos e estéticos, que, decerto, foram selecionados, e devidamente filtrados, dentre saberes consagrados na civilização ocidental, leia-se a cultura européia. Funcionamos de acordo com outra lógica. Nossa cultura se move aglutinando informações, funcionando à base de sucessivas colagens, assimilando, devorando, e intervindo no repertório selecionado, com vistas a produzir outros arranjos sígnicos, reunião de objetos díspares, intrincadas bricolagens culturais, onde cada peça vai encontrar seu lugar justo de encaixe: nada é aleatório.

Nossa cultura mestiça, um mosaico de muitas vozes, segundo Antonio Risério, antropólogo e poeta baiano, “(...) com todas as suas diversidades internas, é totalmente sincrética: nenhum dos seus elementos, nenhuma de suas formas, guardou qualquer espécie de pureza original, tenha sido ela real ou imaginária”. (RISÉRIO, Antônio. *Dicotomia racial e riqueza cromática, por Antônio Risério*²)

Nossas matrizes brancas, negras e indígenas couberam aqui, não “necessariamente na qualidade de complementares”, como nos dirá Teixeira Coelho, (Coelho, Teixeira, p.66, 2008) mas, digamos de forma sucinta, sem uma confrontação rígida entre elas. Emerge essa figura do mestiço – um deseuropeu, um desafro, um desíndio, com nos diria Darcy Ribeiro - que se interpõe entre esses dois pólos, e junto com ela todo um cromatismo se afirma, basta mencionar as várias designações populares que os tons de pele adquirem. Para Risério, é como se, confrontados com a rigorosa divisão preto/branco americana, fôssemos muitas vezes obrigados a tratar o Brasil como se estivéssemos num filme preto e branco, quando na verdade somos protagonistas de um exuberante filme a cores.

² Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2003/09/08/dicotomia-racial-e-riqueza-cromatica-por-antonio-riserio/>>. Acesso em 18 de março de 2013

Adquirimos uma espécie de refinado know how para captar e sintonizar vozes alheias. A questão da alteridade nos é central para entender nossa atividade criadora. Devorar, misturar e subverter repertórios constitui-se como prática fundante de nossa cultura, refiro-me ao projeto estético antropofágico que nos foi legado pelo escritor e pensador modernista Oswald de Andrade, autor de dois manifestos (Manifesto Pau Brasil, de 1924, e o Manifesto Antropófago, de 1928), cuja poética tem se desdobrado nos planos da moda, da música, do cinema, das artes plásticas, do design.

Ainda que eu destaque a figura de Oswald de Andrade neste contexto modernista, por ter sido ele quem introduziu a noção radical de antropofagia, ferramenta útil para se pensar uma cultura singular como a nossa, há outras presenças, que, juntamente com Oswald, desafiaram uma sociedade predominantemente latifundiária, falo da São Paulo dos anos 20, bastante conservadora, resistente a mudanças, que, de forma geral, se comprazia em reproduzir servilmente os modelos estéticos da metrópole. Além de Oswald, mencionaria um outro poeta e escritor Mario de Andrade, que participou ativamente do movimento modernista. Monica Pimenta Velloso nos chama a atenção para a formulação de seu conceito de “tradições móveis”, (Pimenta Velloso, Monica, 2010, p.97) que buscava pensar nossas tradições culturais em conexão com o cosmopolitismo europeu. Eu gostaria de sublinhar isso. Isso me importa porque esse quase oxímoro instalado na ideia de tradição móvel, eu a percebo como algo que nos afasta de uma lógica dicotômica, que me parece equivocada. Existiu e existe ainda um embate entre os defensores das purezas, autenticidades, identidades, nacionalismos e aqueles que se aventuram às misturas, e mergulham na rede mundial de informações e saem dela outros, bem mais complexos: tanto mais locais quanto globais.

Apoiados na leitura do filósofo e historiador da literatura, Benedito Nunes, cabe dizer que neste círculo de artistas, a influência recebida do estrangeiro, mais precisamente de Paris, vinha sempre acompanhada de “senso crítico, que rejeita, seleciona e assimila”. Aprendemos a devorar o que nos traz potência para existir nos expandindo, nos reinventando, ao menos essa é a formulação ritualística do que seja uma experiência antropofágica. Uma prática em que o “outro não é devorado aleatoriamente, mas em função de um critério vital: sua

potência de revigorar a alma do devorador”. Há uma marca antropofágica em nosso corpo cultural, que, no entanto, pode ou não ser ativada.

Desde o final dos anos 90, a moda brasileira vem despertando interesse no mundo. Em 2000, nunca se falou tanto dela. Jornalistas estrangeiros foram desembarcando por aqui. A temporada de desfiles, em 2001, apenas consolidou um quadro que vai se acentuando.

Eu me lembro de uma entrevista concedida, em 2001, ao Jornal Folha de São Paulo, em que, indagado sobre o que esperava ver no Brasil, o escritor e jornalista inglês Collin McDowell, que acabara de chegar a São Paulo para acompanhar a temporada de desfiles, assim respondeu:

“ Espero que a moda do Brasil seja excitante e inteligente, e que reflita o estilo de vida e da cultura do país, sendo diferente do que encontramos na Europa e em Nova York. Se não for diferente conceitualmente, para que existiria então. (...) O Brasil só poderá servir como centro da moda somente se encontrar algo único para trazer ao mundo. Espero e conto com isso”.

Suspeito que Collin McDowell esteja à procura, ao proferir estas palavras, de uma Alma Brasileira, de algo identitário, obsessão que também ainda partilhamos, e que por injunções dos mercados globais converteram-se em indiscutível capital.

Reivindicar uma identidade de moda brasileira hoje é algo indissociável da própria constituição de mercados globais, que exigem que sejamos capazes de nos traduzirmos em marca original, afinados com as últimas tendências de mercado. Nesse caso, cito Suely Rolnik ao dizer que vence o vetor negativo de nossa tradição antropofágica. (ROLNIK, Suely. Subjetividade antropofágica³)

Entalamos-nos com tudo sem qualquer problematização do que devoramos. O contrário disso, seria nossa impertinência e resistência a seduções de tendências: o vetor oposto. De acordo com essa lógica, sairá vencedor aquele que melhor souber interpretar e posicionar de forma estratégica as suas diferenças, segundo as regras do mercado, que necessita do identitário para

³ Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjantropof.pdf>>.

ordenar e classificar os produtos. Neste sentido, tudo que pareça móvel ou flutuante, irreduzível a alguma expressão sintética de brasilidade traz embaraço, dá trabalho para encaixar em algum lugar, e poderá passar despercebido. O curioso disso tudo é que a própria ideia de cultura hoje traz poucos contornos tangíveis. O mais apropriado talvez seja dizer que em nossa contemporaneidade assistimos a processos culturais flutuantes. Refiro-me à experiência de uma polifonia de vozes, já mencionada no início do texto, que faz tempo praticamos.

Para Teixeira Coelho, não devemos “dar marcha a ré (...) na direção de imobilizações conceituais e comportamentais de toda a espécie, das morais às políticas e às estéticas, agora que a dinâmica mundial aponta para a direção que trilhávamos”. (Coelho, Teixeira, p.68, 2008) Cabe sim, para esse autor, sustentar essa nossa condição de cultura móvel, flutuante, uma cultura desde sempre ambígua, paradoxal, plural, que, no contexto atual, o de globalização cultural, é muito melhor escutada e compreendida.

Não creio que as criações de Moda estejam dissociadas do exercício de se buscar novos paradigmas éticos e estéticos para se pensar não apenas a criação, mas a própria existência. Afinal, vestimos formas que nos projetam num espaço físico e afetivo, num espaço simbólico de trocas culturais, espaço de invenções e reinvenções subjetivas, e aqui talvez tenhamos um papel relevante.

Encerro este texto, me apropriando de uma ideia, trazida por Hermano Vianna, deslocando-a de seu contexto original. Para mim, de alguma forma ela projeta luz sobre modos de se pesquisar a produção de Moda no Brasil, fora de uma lógica identitária. Para ele, “ a convivência íntima entre (...) visões de mundo incompatíveis pode nos dar um jogo de cintura (...) criativo realmente espantoso”. (VIANNA, Hermano. Além do Ocidente⁴). Afinamos com muitas lógicas de criação, exercitamos as misturas. Faço aqui um elogio ao múltiplo, ao descentrado, e não ao uno, à raiz, ao genuíno, ao puro. Talvez seja exatamente isso que mereça ser cartografado, quando se fala em Moda

⁴ Disponível em: <<http://hermanovianna.wordpress.com/2012/07/28/alem-do-ocidente/>> Acesso em 15 de Abril de 2013

Brasileira.

Referências

COELHO, Teixeira. **A Cultura e seu Contrário: cultura, arte e política pós 2001**. São Paulo: Editora Iluminuras/Itaú Cultural, 2008.

GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 2001.

PIMENTA VELLOSO, Monica. **História &Modernismo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

RISERIO, Antonio. **Dicotomia Racial e Riqueza Cromática**, 2008. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2003/09/08/dicotomia-racial-e-riqueza-cromatica-por-antonio-riserio/>>. Acesso em: 18 de março de 2013

VIANNA, Hermano. **Além do Ocidente**, 2012. Disponível em: <<http://hermanovianna.wordpress.com/2012/07/28/alem-do-ocidente/>>. Acesso em: 15 de Abril de 2013

ROLNIK, Suely. **Subjetividade Antropofágica**, 1998. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjantropof.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2013